

Negociação tensa e árdua

por Celso Pinto
de São Paulo

A negociação com o Clube de Paris foi árdua e atravessou momentos de tensão, disse a este jornal uma fonte governamental. A certa altura, durante a madrugada (a reunião acabou às 5h30), os brasileiros chegaram a ameaçar retirar a delegação e suspender a conversa. O impasse teria sido superado graças à interferência, entre outros, do próprio secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III, por telefone.

Os Estados Unidos teriam cooperado bastante para que surgisse um acordo. Também contribuiu para o entendimento

o relato basicamente positivo que Thomas Reichmann, do Fundo Monetário Internacional (FMI), fez sobre a economia brasileira.

Ainda assim, ficou como condicionalidade vinculada à extensão do acordo a existência de um acerto posterior do Brasil com os bancos, o que é compreensível. No início da discussão, segundo a mesma fonte, os credores haviam posto na mesa seis condicionalidades para assinar um acordo com o Brasil. Elas foram sendo gradualmente descartadas.

Como o acordo final se limitou aos seis primeiros meses deste ano, para estendê-lo ao resto de 1987

será necessário que o FMI faça um relatório positivo sobre a economia brasileira antes do novo encontro com o Clube de Paris, em julho. Por essa razão, é certo que uma missão de técnicos do Fundo virá ao Brasil antes do final do primeiro semestre.

Para o acerto com os países credores, o Brasil estimou um superávit comercial de US\$ 10,2 bilhões neste ano. Com base nas condições obtidas de refinanciamento com o Clube de Paris e, dado este superávit, a necessidade de "dinheiro novo" está estimada em US\$ 4,1 bilhões (incluindo todas as fontes, dos bancos privados ao Banco Mundial).